

Abelhas enramadas - polinizando agroflorestas femininas *Woven Bees - Pollinating Women's Agroforests*

CORÔA, Lilian¹; CURADO, Isabela²

¹ Projeto Abelhas Enramadas - RAMA, coroalilian@gmail.com ; ²Projeto Abelhas Enramadas - RAMA, isabela.curado@gmail.com.

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Apresentação e Contextualização da experiência

A Rede de Apoio às Mulheres Agroflorestoras foi criada por 55 mulheres em maio de 2019, durante o Primeiro Encontro de Mulheres Agroflorestoras, organizado pelo MAIS – Movimento Agroecológico de Inclusão Sintrópica, no Sítio Selva e Paz, em Gandu – Bahia. A RAMA nasceu com o intuito de reunir e apoiar mulheres que cultivam e querem cultivar a terra com práticas agroflorestais e agroecológicas, produzindo alimentos e medicinas da floresta.

Em novembro de 2019 foi realizado o I ENRAMA – Encontro da RAMA, na Fazenda São Luís, em São Joaquim da Barra – SP, com a presença de 88 mulheres. Nesse encontro foram definidos Grupos de Trabalhos (GT's) e foi agendado o II ENRAMA, que seria realizado em maio de 2020.

Em função da pandemia, o II ENRAMA se transformou no ENRAMA Virtual, um encontro virtual de 3 dias. O sucesso do ENRAMA virtual resultou numa série de encontros *online* para troca de saberes e rodas de conversa. Entre maio e novembro de 2020 foram realizados 22 encontros, com a participação de mais de 700 mulheres. Todos os encontros foram gravados e editados e estão disponíveis no canal da RAMA no youtube (@rama-rededeapoioamulheresa6714). Em função da visibilidade do ENRAMA virtual, a RAMA cresceu de 120 mulheres, em maio de 2020, para quase 800 mulheres, em diversas regiões do país, em novembro de 2022.

A rede é formada por mulheres que entendem a urgência de ações que promovam agricultura saudável para devolver a saúde e restaurar o ventre de nossa grande Mãe Terra e acreditam na agrofloresta como "uma tecnologia social" e "ferramenta didática" de forte potência para abrir caminhos à soberania alimentar, ao empoderamento e à emancipação da mulher rural.

Por entender que ações coletivas criam força e resiliência e que é preciso enfatizar o papel de protagonismo histórico da mulher na agricultura, uma vez que lhe foi retirada essa atribuição devido ao patriarcado e às consequentes desigualdades de



gênero na estrutura da agricultura familiar brasileira, é que o Projeto Abelhas Enramadas foi escrito. A captação de recursos se deu através de submissão e aprovação do projeto no Edital Mulheres em Movimento do Fundo Elas+.

O projeto visou promover uma formação vivencial em Agrofloresta de mulheres para mulheres. Também teve como objetivo propiciar a troca de experiências e conhecimentos, não somente sobre técnicas de plantio e colheita, mas também a prática do dia-a-dia do trabalho e da vida diária em um sítio agroecológico florestal.

Inicialmente o projeto foi concebido para apoiar três mulheres que trabalham de forma voluntária em três sítios diferentes, "Sítios Flores", nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, entretanto esse escopo foi mantido apenas no Rio de Janeiro e São Paulo. Os sítios inicialmente selecionados têm SAF's em distintos estágios de maturidade, possibilitando um aprendizado sobre o desenvolvimento de arranjos e sucessão agroflorestal, bem como a experiência prática em sítios em diferentes momentos de implantação (inicial, médio e avançado). Além disso, por estarem localizados em diferentes estados, os sítios promoveriam a possibilidade das participantes também observarem características diversas de flora e fauna de cada lugar. Todas as despesas com alimentação, hospedagem e deslocamento foram custeadas pelo projeto, ficando a cargo das participantes levar roupas adequadas, calçados adequados, máscaras, barracas, entre outros itens pessoais, além de estar com as duas doses da vacina do Covid em dia.

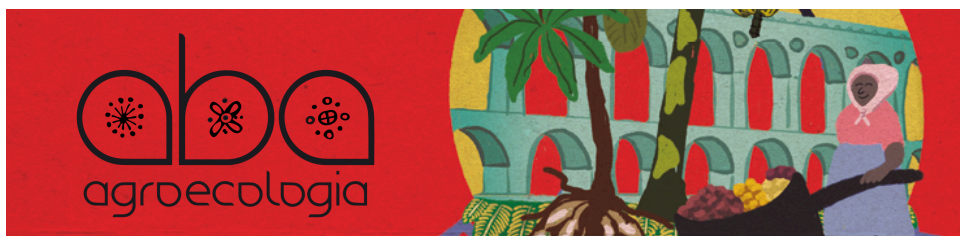
Para selecionar as voluntárias foi elaborado um processo seletivo aberto para o coletivo, com divulgação no grupo da Rama e no Instagram. O formulário de inscrição pedia informações sobre origem, diversidade, identificação de gênero, escolaridade, condições de saúde, etc. Foram definidos alguns critérios prioritários para o processo seletivo: mulheres de povos originários, negras, pardas, mulheres que vivem em assentamentos, quilombos, reservas e que se dedicassem à terra.

Foram selecionadas três voluntárias, dos estados da Bahia, Ceará e Rondônia, entre 70 candidatas. Essas voluntárias participaram das atividades no Rio de Janeiro e em São Paulo, desistindo do projeto após o terceiro mês. Em função da desistência, que se deu a partir de diversos processos, a etapa da Bahia precisou ser redesenhada, o que permitiu adotar outro tipo de arranjo para as vivências planejadas para o projeto.

Desenvolvimento da experiência

O projeto se dividiu em três momentos: 1. Apoio ao voluntariado de 3 mulheres, em 3 territórios diferentes (Trajano de Moraes – RJ; Ribeirão Preto – SP; Porto Feliz - SP), por 10 semanas; 2. Vivências imersivas e mutirões, por 10 semanas (Uruçuca e Ilhéus - Bahia; e 3. Elaboração de material audiovisual para disseminação de saberes agroflorestais.

Na primeira fase do projeto, as mulheres voluntárias, chamadas de "abelhas", vivenciaram estadias de 1 a 4 semanas em cada "sítio flor". Esses sítios foram selecionados para acolher as abelhas, proporcionar atividades de aprendizado



enriquecedoras e estabelecer parcerias com outros sítios vizinhos, todos eles administrados por mulheres, a fim de promover mutirões da RAMA. As abelhas realizaram atividades agroflorestais, registro audiovisual das experiências vividas (para compartilhamento com as demais mulheres da RAMA) e divulgação das atividades realizadas nas redes sociais do projeto.

A segunda fase do projeto aconteceu na Bahia, nos municípios de Uruçuca e Ilhéus. Nesta fase o projeto adotou outro formato, uma vez que as voluntárias selecionadas permaneceram no projeto apenas na primeira fase. Neste novo momento foram realizados 5 mutirões e 4 vivências imersivas.

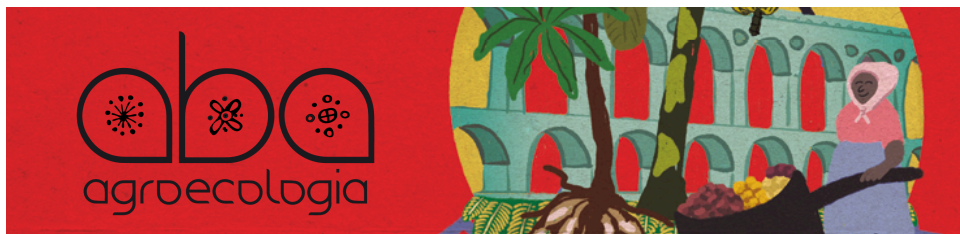
A terceira fase do projeto é o que chamamos de fase de finalização onde foram produzidos materiais áudio visuais com o objetivo de disseminar aprendizados agroecológicos.

Por meio do projeto, foi possível proporcionar oportunidades presenciais de formação vivencial em sistemas agroflorestais para cerca de 100 mulheres. Nessas oportunidades, houve diálogos e trocas extremamente ricas e fortalecedoras. O projeto proporcionou o aprendizado em relação a comercialização de produtos agroecológicos, contato com educação popular e educação ambiental por meio da vivência com o Arte na Terra na Fazenda São Luiz. Foi possível trabalhar junto com adolescentes no manejo, fazendo canteiros, plantando mudas, conhecendo diferentes sistemas agroflorestais, aprendendo sobre as abelhas nativas sem ferrão, sobre as plantas medicinais, preparados biodinâmicos e cooperativismo. Essa interação com as novas gerações permite a troca de saberes, fortalecendo a educação ambiental e popular.

Importante ressaltar que ainda na primeira fase aconteceram mutirões no Assentamento Mário Lago, no Assentamento Sepé Tiaraju, Assentamento Bela Vista e visita à Flona Ipanema em Iperó, todos localizados no estado de São Paulo.

Com a mudança de formato, as mulheres participantes da segunda fase tiveram a oportunidade de vivenciar a implantação de uma área agroflorestal agroecológica desde o início. A primeira imersão ocorreu no Assentamento Santa Maria, no município de Maraú, envolvendo o planejamento de consórcios agroflorestais, preparação do solo e dos canteiros, plantio, além de discussões sobre ecofeminismo, beneficiamento de alimentos e formação de redes agroecológicas. O grupo Jussara, de produção orgânica e integrante da Rede Povos da Mata, participou ativamente dessa atividade. Outras imersões ocorreram em dois outros sítios em Itacaré, onde foram implantadas novas áreas agroecológicas, com atividades voltadas a regeneração de nascentes e compostagem.

Na Bahia as atividades do projeto foram encerradas com uma vivência voltada para a agroindústria agroecológica. As participantes tiveram a oportunidade de conhecer e colher cacau e cupuaçu, praticar o beneficiamento dos alimentos utilizando equipamentos como despoldadeira e desidratador, bem como provar os alimentos produzidos pela anfitriã do empreendimento agroflorestal, Mimos da Mata. Dentre as atividades ainda aconteceram rodas de conversas sobre cadeia de valor, embalagens e rótulos, certificação de orgânicos, cuidados na manipulação dos



alimentos, e o papel fundamental das mulheres nesse processo. Para além dos conteúdos, o que mais marcou essas vivências foi o fortalecimento da rede de mulheres agroflorestoras nessa região, da vizinhança, a cooperação e amizade.

Desafios

Durante o projeto, vivenciamos desafios que levaram a mudanças nas atividades planejadas inicialmente e nas dinâmicas de execução desses planos. Essas mudanças só foram possíveis graças ao apoio flexível do financiador. Os principais objetivos do projeto eram oferecer uma formação vivencial em agrofloresta, experiências em organização coletiva de mulheres e oportunidades de troca de saberes para mulheres agroflorestoras da RAMA. Apesar das mudanças ao longo da execução, esses objetivos foram alcançados.

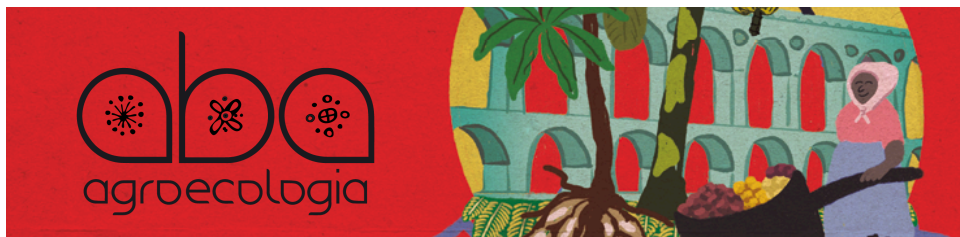
Limitado pelo momento pandêmico, o primeiro desafio imposto foi quanto a replicabilidade do aprendizado: como o aprendizado agroflorestal vivenciado pelas voluntárias poderia ser repassado para as outras mulheres da RAMA? Em função dessa reflexão, decidimos reorganizar o recurso para desenvolver materiais audiovisuais sobre agrofloresta, com objetivo de sensibilizar, inspirar e fortalecer as mulheres da Rede.

Inicialmente planejamos uma vivência de 5 semanas em 3 áreas diferentes, entretanto, em função de limitações de alguns anfitriões, os locais de vivência em São Paulo foram alterados e, em função da desistência das voluntárias após a finalização da etapa de São Paulo, redesenhamos a dinâmica das vivências da Bahia. Novamente, a flexibilidade do apoio nos permitiu analisar as situações, à medida que elas foram surgindo, e alterar de acordo com a realidade do momento.

Essas alterações permitiram à Rede ter diferentes experiências de voluntariado e garantiu o fortalecimento local e regional da RAMA. Foi possível perceber as necessidades surgidas no decorrer do projeto, fazer ajustes na organização.

Planejar um projeto desse porte completamente on-line, uma vez que estávamos ainda em momento pandêmico e as coordenadoras moravam em diversos estados do país, também foi um desafio. A comunicação por vezes foi uma barreira a ser transposta, assim como as relações interpessoais que mesmo on-line existem e podem ser conflituosas.

No decorrer do projeto, surgiram conflitos de ordem pessoal, que terminaram reverberando em toda Rede. Embora a situação gerada pelo conflito tenha sido bastante desafiadora e desanimadora, trouxe muito amadurecimento, isso porque várias mulheres da RAMA que não participavam diretamente do projeto responderam à situação, se dispuseram a auxiliar e optaram pela criação de um mecanismo de mediação de conflitos baseado na justiça restaurativa. As tensões geradas levantaram importantes questionamentos sobre os critérios de quem faz parte da Rede, a necessidade de definir diretrizes ou regras de conduta e convivência, termos de voluntariado elaborados de forma conjunta entre sítios e



voluntárias, quais atividades podem ser organizadas em nome da Rede, entre muitas outras.

Ao mencionar os conflitos no projeto, reconhecemos a complexidade das relações humanas e do trabalho em equipe. É importante ser transparente sobre os desafios enfrentados para criar uma narrativa honesta e completa da experiência. Destacar o conflito permite aprender com ele e melhorar as práticas futuras, compreendendo melhor as dinâmicas de trabalho em equipe, comunicação, gestão de projetos e relacionamentos interpessoais. Também ressaltamos a importância da resolução construtiva, demonstrando compromisso em lidar colaborativamente com os problemas. Ao contextualizar as mudanças realizadas no projeto, oferecemos uma compreensão mais clara de como os conflitos influenciaram as decisões e como as mudanças foram uma resposta adaptativa. Incluir os conflitos humaniza a experiência, reconhecendo que as pessoas enfrentam desafios e dificuldades.

Principais resultados alcançados

No mundo agroecológico florestal, os mutirões são espaços de troca de saberes, de aprendizagem e de apoio mútuo, onde as mulheres anfitriãs têm a oportunidade de não somente avançar o trabalho no campo que elas dificilmente conseguem realizar sozinha, mas também onde todas as participantes possam intercambiar sementes e mudas, se fortalecer diante das atividades agroecológicas e compartilhar suas dificuldades e seus desafios. No contexto desse projeto específico, essas atividades também representaram momentos para as mulheres quebrarem o isolamento social que resultou da pandemia, e do aumento de violência e polarização da sociedade brasileira provocado pelo governo dos últimos 4 anos, e retomar os contatos com outras mulheres e projetos.

O processo seletivo do projeto, os mutirões e as outras atividades desenvolvidas, deram visibilidade a Rede e por isso muitas mulheres tomaram conhecimento da existência da RAMA, o que levou a um aumento de 25% de mulheres cadastradas na rede. Com o aumento do número de mulheres cadastradas, foi identificada a necessidade de melhorias para aprimorar nossa atuação e desenvolvimento enquanto rede, com criação de diretrizes de convivência para o Telegram. Processo de aprendizado prático e de amadurecimento da gestão de projetos.

Outro aprendizado importante se refere à confecção dos termos de voluntariado utilizados (ou não utilizados) no projeto. Foi desenvolvido um termo para as voluntárias, e, no decorrer da execução do projeto percebeu-se que os anfitriões também precisavam de um documento norteador.

No que diz respeito ao fortalecimento dos grupos de mulheres a nível local, podemos dar o exemplo das mulheres do Assentamento Sepé Tiaraju que participaram dos mutirões ocorridos durante o período do voluntariado e seguiram organizadas, realizando mutirões semanais em seus lotes, fortalecendo suas atividades agroflorestais e a união entre si. O protagonismo feminino é um aspecto muito importante e as atividades do projeto contribuíram para dar maior visibilidade.



Outro exemplo importante foi no estado da Bahia, onde muitas mulheres participaram das vivências, algumas com mais experiência e outras com menos, e hoje essas mulheres se reúnem, dialogam e tecem laços de amizade.

Disseminação da experiência

Uma das principais formas de compartilhar essa experiência tem sido por meio dos materiais audiovisuais produzidos durante as vivências e mutirões. Esses vídeos captam as atividades desenvolvidas, os processos de aprendizado e as vivências das pessoas envolvidas. Esses materiais têm sido utilizados para sensibilizar, inspirar e fortalecer outras mulheres da RAMA e também outros agricultores e interessados na agrofloresta e na organização coletiva. Um dos vídeos, desenvolvido a partir das vivências na Bahia, teve 4.200 visualizações em apenas 2 meses.

Acredita-se que a experiência do projeto Abelhas Enramadas pode ser recomendada para outras agricultoras, agricultores e organizações que buscam promover a agrofloresta, uma organização coletiva e a troca de saberes. Os aprendizados obtidos ao longo do projeto, as mudanças realizadas para adaptar-se às demandas e as estratégias de comunicação e engajamento podem servir de referência para aqueles que desejam iniciar projetos semelhantes. Além disso, a flexibilidade demonstrada na gestão dos desafios e a ênfase na participação das mulheres são aspectos valiosos que podem inspirar outras.

No entanto, é importante ressaltar que cada contexto é único e as práticas e abordagens do projeto devem ser adaptadas de acordo com as características e necessidades locais. A recomendação para outras agricultoras, agricultores e organizações é que explorem a experiência do projeto Abelhas Enramadas, adaptem às aprendizagens ao seu contexto específico e promovam o diálogo e a colaboração com as comunidades locais, visando o fortalecimento e o desenvolvimento sustentável das práticas agroflorestais e das relações sociais em campo. Escrever esse relato é uma forma de agradecer a todas que participaram do planejamento e execução desse projeto.